

O Malho

RIO DE JANEIRO, 1 DE ABRIL DE 1922

A MISSÃO NAVAL



STA' anunciada, finalmente, a providencia que tomou o governo de contratar, para a nossa Marinha de Guerra, uma missão naval estrangeira, que terá a seu cargo a responsabilidade do ensino e preparo tecnico dos nossos jovens officiaes. A missão será admittida, mais ou menos, nos termos em que foi a do Exército, isto é, em virtude de uma disposição orçamentaria que autorise o presidente da Republica a realizar a sua louvavel iniciativa e a empregar todos os meios indispensaveis a esse fim altamente patriótico.

Desde já, tem-se a certeza de que esse contrato não será com a França. A marinha franceza, das grandes potencias que formam o concerto mundial (diriamos melhor o desconcerto), não é, sem duvida, a que melhor se recommenda para uma tarefa de tão grande alcance como essa, já pela sua efficiencia absolutamente duvidosa, o que ficou bem patente nos quatro annos de guerra formidavel, que ensanguentou a Europa, arrazando a propria civilização continental, já pela má vontade systematica com que a brilhante democracia nos tem tratado depois que com ella demandamos esse caso dos navios mercantes confiscados á Alemanha.

Em que pezem os ultimos abencerragens de um francophilismo hoje felizmente quasi extinto, a opinião publica do Brasil não morre mais de amores pela França. Reconhece nella a mãe espirital de nossa cultura e o grande valor do seu nobre povo, culto e progressista. Mas, por não termos sido felizes em algumas questões economicas e financeiras negociadas directamente com os francezes, maxime depois de nos havermos incorporado aos alliados durante a belligerancia, para cujo lado corremos cheios de fé e de entusiasmo, menos por consultar os nossos interesses de ordem material, que por amor á solidariedade de raça e de finalidade, é que a opinião popular em nossa terra, despertada com o armistício e com a Conferencia de Versailles, ficou de sobreaviso e prevenida com a conducta gauleza.

Não sabemos se foi assim que tambem pensou o nosso governo. Escrevemos estas considerações sob o impulso das nossas proprias convicções; mas, o certo é que o contrato a ser assignado será com outra potencia, que não seja a França. E o Sr. Epitacio Pessoa, cujo elevado conhecimento das necessidades da nossa Marinha ninguém põe em duvida, sabe bem o que faz e da sua acção só beneficios á Armada espera, antes de terminar elle o seu mandato.

A politica pessoal que se adopta no Brasil tem

querido apontar, por instincto de opposição inconflicional, o presidente da Republica como um esquecido das nossas forças de terra e mar. Nada mais injusto. O zelo com que S. Ex. se tem occupado com a nossa defesa, já dando ao Exército a efficiencia que vem provando, já cogitando de melhor apparellhar a nossa esquadra e as nossas fortalezas de costas, revela que o Sr. Epitacio, se não tem feito muito mais, em virtude dos recursos do Thesouro não lh'o permittem, tem feito o bastante para evidenciar ao Exército e á Armada que delles elle tem sido e será um amigo devotado. As tradições gloriosas da nossa Marinha impõem o dever de todos concorrerem para que ella não seja desamparada. Os seus serviços na paz e na guerra merecem a recompensa que lhe vamos dar, educando-a, sob bases novas e modernas, para outros destinos.

A nossa posição geographica está a indicar que aos nossos bravos marinheiros está reservado o papel de detentores da supremacia naval na America do Sul, supremacia que já tivemos e que urge retomarmos, ainda mesmo que arrastando sacrificios de dinheiro. Em harmonia com os nossos vizinhos, graças a Deus, urge, entretanto, que estejamos alertas para que o futuro não nos surpreenda. Abrangendo cerca de oito milhões de kilometros quadrados de territorio, é o Brasil a nação maritima sul americana de costa mais extensa, e a sua defesa naval não está de accordo com as suas exigencias.

A missão, importada de quem possa trazel-a com segurança e indiscutivel superioridade, é um concurso prestimoso. Não só a Marinha, mas o Brasil inteiro a applaude, confiante em que o governo fará disso uma obra de vulto e de inestimavel valor.

Ha poucos dias, as manobras da esquadra, realizadas fóra da barra, se resentiram dessa necessidade.

A officialidade, criticando os resultados, foi a primeira a reconhecer que assim como o Exército, a Marinha tinha direito a um plano de reorganização, tomando por ponto de partida a instrução estrangeira.

Até mesmo os onus que nos foram impostos com a aquisição dos nossos formidaveis *super-dread-noughts* estimulam a carencia de olharmos com mais carinho e desvelo pela sorte da esquadra.

Confiada a quem melhor possa executar a tarefa superior, essa missão poderá ser um destes serviços capazes de recomendar á gratidão da posteridade o nome de um administrador.

E a Marinha saberá guardá-lo, dignificando-a para o futuro.

